



EccoS Revista Científica

ISSN: 1517-1949

eccos@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Brasil

Strazzacappa Hernandez, Marcia Maria

O encontro com a arte: formando e transformando o repertório de professores

EccoS Revista Científica, núm. 28, mayo-agosto, 2012, pp. 81-92

Universidade Nove de Julho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71523339006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O ENCONTRO COM A ARTE: FORMANDO E TRANSFORMANDO O REPERTÓRIO DE PROFESSORES

THE ENCOUNTER WITH THE ART: FORMING AND
TRANSFORMING THE REPERTOIRE OF TEACHERS

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Doutora em Arte – Universidade de Paris, França; Mestre em Educação – Unicamp;
Licenciada em Pedagogia – Unicamp; Bacharel em Dança – Unicamp.
Campinas, SP – Brasil.
marciastrazzacappa@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo discute a necessidade de experiências estéticas na formação de professores a partir da constatação de mudanças ocorridas na forma de se conceber arte por parte de professoras da rede pública de ensino que participaram de um programa especial de formação em Pedagogia (PROESF) da Faculdade de Educação da Unicamp entre os anos de 2002 e 2008. Descrevemos atividades e processos de avaliação realizados junto à disciplina obrigatória do curso, “Teoria pedagógica e produção do conhecimento em arte”, e como estes contribuíram para essa mudança, apresentando alguns resultados quantitativos e qualitativos referentes a um diagnóstico sobre o repertório estético cultural das professoras antes e após a participação no programa.

PALAVRAS CHAVE: ensino de arte, experiência estética, formação de professores.

ABSTRACT: This article discusses the need for aesthetic experiences in teacher education from the observation of changes in the way of conceiving art by teachers in public schools who participated in a special training program in Education (PROESF) of the Faculty of Education at the State University of Campinas (Unicamp) between 2002 and 2008. It describes activities and evaluation processes conducted by the compulsory subject of the course, “Theory of teaching and knowledge production in art,” and how they contributed to this change, with some quantitative and qualitative results relating to a diagnosis of the cultural aesthetic repertoire of teachers before and after program participation.

KEY WORDS: teaching of art, aesthetic experience, teacher training.

Pondo a mão na massa e o pé no chão

Este artigo apresenta alguns dos resultados obtidos em uma pesquisa realizada pelo Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação (Laborarte), grupo de pesquisas da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, em que se analisou o repertório estético das professoras da rede de ensino público (municipal e estadual) da Região Metropolitana de Campinas (RMC) que participaram de um curso especial de formação em Pedagogia (PROESF) oferecido pela Faculdade de Educação da Unicamp entre os anos de 2002 a 2008. O uso do feminino no presente texto é proposital, tendo em vista que as mulheres representavam 98% do público do curso. As participantes do curso, todas professoras em exercício na rede e portadoras do diploma de magistério, tiveram aulas de arte dentro de uma disciplina obrigatória do currículo intitulada “Teoria pedagógica e produção do conhecimento em arte”.

A pesquisa contou com a colaboração de estudantes bolsistas de iniciação científica que tabularam os dados quantitativos levantados a partir de diferentes fontes e instrumentos como: 1) as respostas às questões de arte do Vestibular específico para ingresso no Proesf; 2) entrevistas com os auxiliares pedagógicos (AP) que atuaram nas disciplinas; 3) acompanhamento das aulas magnas proferidas pelos docentes da Faculdade de Educação em cada semestre; 4) aplicação de um questionário aos participantes do curso sobre o repertório cultural dos mesmos. O recorte aqui presente diz respeito a esta última ferramenta. Discutiremos os resultados encontrados no que tange as respostas aos questionários aplicados para identificação das atividades culturais realizadas pelas professoras, diagnosticando o que elas leram, assistiram e ouviram no semestre, após terem passado pela experiência da disciplina em que foram conduzidas a fazer, contemplar e contextualizar a arte, ou seja, convidadas a “por a mão na massa e os pés no chão”.

Conhecendo o “Proesf” e seu público

O “Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na Rede de Educação Infantil e Primeiras Séries do Ensino Fundamental

da Rede Municipal da Região Metropolitana de Campinas”, mais conhecido por sua sigla, PROESF, foi um curso temporário, de caráter especial, com duração de 3 anos, destinado exclusivamente a professores em exercício na educação infantil e nas primeiras séries do ensino fundamental da Região Metropolitana de Campinas/SP (RMC), composta pelos municípios de Americana, Amparo, Artur Nogueira, Campinas, Holambra, Hortolândia, Jaguariúna, Indaiatuba, Itatiba, Monte Mor, Nova Odessa, Paulínia, Piracicaba, Santa Bárbara do Oeste, Santo Antonio de Posse, Sumaré, Valinhos e Vinhedo. O PROESF ofereceu habilitação plena em Pedagogia, com um currículo semelhante ao do curso de pedagogia regular, preparando o profissional por ele formado para o magistério na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental e para o exercício das funções de administração, coordenação, supervisão e orientação.

O programa se estendeu de 2002 a 2008, com 4 ingressos por meio de vestibular específico organizado pela Comissão Permanente de Vestibulares da Unicamp (COMVEST), com uma média de 1200 candidatos por seleção. Ingressaram a cada ano 400 estudantes, organizados em 10 turmas de 40, todos professores em exercício das séries iniciais do Ensino Fundamental e/ou na Educação Infantil da Rede de Ensino Público (estadual e/ou municipal), portadores de certificado de conclusão de Magistério.

As disciplinas do curso foram ministradas por assistentes pedagógicos (APs) selecionados após a formação em um Curso de Especialização Intensivo oferecido pela Faculdade de Educação (FE). Os docentes da FE/UNICAMP coordenavam as disciplinas, supervisionavam os trabalhos dos APs, com reuniões periódicas e ministravam duas aulas magnas por semestre sobre temas de cada área. Esses encontros possibilitaram que os estudantes do programa pudessem estabelecer um contato direto com os docentes/supervisores da Unicamp, além de se caracterizar como mais um espaço significativo para avaliação dos rumos das disciplinas.

O curso era no período noturno e as professoras da rede, na condição de alunas do curso, se dirigiam à universidade após o expediente, em ônibus e vans fretados pelas respectivas secretarias de educação.

Dentro da grade curricular do Proesf, propusemos o trabalho com arte por meio do oferecimento de uma disciplina intitulada “Teoria pedagógica e produção do conhecimento em arte”. Esta disciplina, de caráter

obrigatório, era oferecida no 5º semestre do programa e tinha como objetivos, dentre outros: “permitir o contato com as diferentes linguagens artísticas; desenvolver instrumentos para trabalhar estas linguagens no âmbito escolar; desenvolver a sensibilidade e o olhar crítico; e sobretudo, ampliar o repertório de conhecimento artístico das alunas/professoras.”

Da inquietação inicial ao desenvolvimento da pesquisa

Após o primeiro ano de experiência na disciplina e tendo percebido em sala de aula que o professorado tinha um repertório restrito quanto à produção artística, resolvemos averiguar esse fato de forma mais sistematizada. A pergunta que motivou a investigação foi: Qual o repertório artístico-cultural das professoras da rede de ensino da RMC? O que lêem, ouvem e assistem?

Num primeiro contato com as professoras, iniciávamos uma conversa, aparentemente informal, em que perguntávamos o que haviam assistido no final de semana, qual o último romance lido, se haviam visto algum espetáculo em cartaz em sua cidade, entre outras. As informações coletadas naquele primeiro momento não se diferenciaram das colhidas depois de forma sistematizada. O hábito cultural da maioria das professoras era, seguindo a ordem decrescente das respostas mais frequentes para as menos comuns, 1) assistir a programas televisivos 2) alugar filme em locadora, preferencialmente, de comédia romântica ou filme de animação, 3) ir a show musical (dupla sertaneja), e 4) ir ao cinema (isso quando havia sala de cinema disponível em suas respectivas cidades). Quanto aos hábitos de leitura, havia dois grupamentos. Um que afirmava categoricamente que não tinham tempo sequer para ler os textos obrigatórios do curso, quanto mais ler literatura; e outro que afirmava ler a bíblia diariamente.

Como fazer essas professoras compreenderem a importância da arte na escola e na vida de seus alunos, se elas próprias tiveram um contato restrito com as diferentes linguagens artísticas ao longo de sua formação? De suas vidas? Como querer que as professoras trabalhem com conceitos de arte na escola se o seu próprio conhecimento artístico é limitado? Se elas próprias não adquiriram o hábito de ir a uma exposição ou assistir a um espetáculo teatral? Como fazer com que ampliem seu repertório cultural

para além da TV e dos chamados “enlatados” americanos? Ouçam música para além do que toca nas emissoras de rádio? Leiam para além da Bíblia? Como fazer para que conheçam outras cores? Sons? Sabores? Movimentos?

Da procura de caminhos à promoção de encontros

Partindo-se do princípio de que a arte tem de ser vivida e sentida (DUARTE Jr., 2004) para ser apreendida, e compreendida (BARBOSA, 1997) e, diante de uma situação concreta de tentar propiciar uma experiência estética a essas professoras, sobretudo imaginando que já estavam na escola atuando junto às crianças, pensamos em estratégias para aproximar a arte de seu dia-a-dia .

Criamos duas frentes: Em sala de aula, ao propor atividades práticas na disciplina além das artes plásticas (já trabalhadas pelas professoras), com a introdução das linguagens artísticas que envolviam o corpo e o coletivo como a dança, a música e o teatro; com a apresentação de outras formas de produção cultural, mostrando que há algo “além do cidadão Kane”, isto é, dos programas televisivos, por meio da apreciação de filmes (ou trechos de filmes) fora do circuito, como os europeus e orientais; e com um processo de avaliação provocativo que previa, dentre outros, a execução do que intitulamos “portfólio de artista”, que veremos mais adiante. Outra frente ultrapassou a sala de aula ao promover atividades culturais dentro das 200 horas previstas pelas diretrizes curriculares como parte da formação complementar, atividades estas obrigatórias aos professores e aos estudantes, em que contamos com a presença de artistas convidados. Estes encontros ocorriam no Centro de Convenções da Universidade, tendo em vista o agrupamento das 10 turmas na mesma noite, estudantes e auxiliares pedagógicos, com uma média de 430 pessoas. Era nesse mesmo espaço que ocorriam as aulas magnas ministradas pelos docentes da Unicamp.

Nos semestres de oferecimento da disciplina de Arte, organizamos atividades que contemplaram as diferentes linguagens artísticas, seja pela apresentação de um espetáculo cênico, seja pela presença de um artista em pessoa para falar sobre sua profissão. Passaram pelo auditório do Centro de convenções, artistas da região, como músicos, diretores teatrais, artistas plásticos, atores, como Tiche Vianna do Barracão Teatro, João

Dalgallarrondo do Grupo de Música Anima, Valéria Franco do Tugudum, João Chapéu do Teatro Andaime de Piracicaba/SP, entre outros. Propiciar o contato direto com artistas e/ou com a obra de arte foi pensado de forma a possibilitar a experiência estética, a contemplação e a “concreticidade” como denomina a professora e pesquisadora Maura Pena (1995, p.16) ao se referir à experiência tão cara à construção do conhecimento em arte. Acreditávamos garantir assim que os estudantes saíssem do curso tendo vivenciado, no mínimo, uma experiência estética em cada uma das quatro linguagens artísticas, quais sejam: dança, música, teatro e artes visuais.

Como dito acima, o Proesf previa em seu cronograma, duas aulas magnas por disciplina, ministradas pelos docentes da Unicamp. Na primeira aula magna de arte, era realizada uma intervenção de uma personagem clownesca, Dona Clotilde, interpretada pela professora coordenadora dos APs. Na literatura especializada, encontramos autores que diferenciam o clown do palhaço (BURNIER, 2001) por entender que o palhaço tem sua origem no circo e é mais estabonado, enquanto que o clown é mais sutil e divulgou sua arte no cinema, tendo com principais expoentes Buster Keaton e Charles Chaplin. Na performance de Dona Clotilde, ela mesclava a sutileza do clown com o exagero do palhaço, aproximando-se de uma personagem cômica, daí ser intitulada “personagem clownesca”. Dona Clotilde representa uma faxineira de origem humilde que trabalhou muitos anos na limpeza de escolas públicas, sempre observando tudo. Sua performance era composta por *gags* nas quais fazia críticas à forma como a arte era ensinada nas escolas, tecendo comentários que apresentavam situações encontradas no ambiente escolar como: os desenhos mimeografados para serem coloridos pelas crianças “sem deixar espaço em branco”; os pompons de algodão a serem colados nos coelhos na época da Páscoa; entre outros. Por meio do riso era construída a argumentação crítica sobre o fazer artístico dito “escolar”, isto é, aquele que ocorre na escola e padroniza a produção expressiva das crianças. Muitos dos presentes na platéia se identificavam com as situações relatadas. Que professor não solicitou às crianças que cobrissem toda folha com tinta “sem deixar espaço em branco”? Ou ainda, quem não pediu que seguisse o modelo fixado na lousa? A performance terminava com todos, em pé, cantando uma canção proposta por alguém da platéia, enquanto Dona Clotilde se retirava da cena. Retornava em poucos minutos, agora como docente da universidade,

sem maquiagem nem figurino, para discutir com o professorado na platéia acerca da recepção daquela experiência.

O interessante de usar o clown para introduzir um assunto estava justamente na forma como o público recebia a personagem. Diferentemente das aulas magnas convencionais proferidas nas outras disciplinas, esta aula proposta pela arte ocorria por meio da própria linguagem artística. A docente se colocava como atriz/personagem. Os estudantes vinham preparados para as aulas magnas com cadernos para tomar nota das transparências projetadas na tela. Na aula de arte havia uma mudança de postura, pois, deixavam as anotações de lado e “entravam no jogo”, surpreendidos pela palhaça que invadia a cena enquanto todos aguardavam a professora doutora da universidade chegar. O público levava algum tempo até perceber que a performance fazia parte da aula e ficavam muito mais surpreendidos quando descobriram, ao final da apresentação, que aquela palhaça era a professora.

Para muitos presentes, esta performance no Auditório do Centro de Convenções da Unicamp apresentava-se como a primeira oportunidade de ter contato direto com a arte da cena, mesmo em não se tratando necessariamente de um espetáculo teatral. Várias professoras comentavam sobre a inexistência, em suas respectivas cidades, de espaços culturais, salas de cinemas, com a triste informação de que o único cinema da cidade fora transformado em Igreja!

Ao final da aula magna, era apresentada uma tarefa a ser realizada pelas professoras ao longo do semestre e que seria utilizada como forma de avaliação na disciplina de arte: Assistir a (pelo menos) uma apresentação artística ao vivo dentre as quatro linguagens artísticas (dança, música, teatro e artes visuais). A verificação desta tarefa seria realizada na última aula magna, por meio de uma avaliação escrita.

Outra avaliação que lançávamos mão na disciplina era o “portfólio de artista”, acima citado. Tratava-se de um trabalho escrito em que as professoras deveriam buscar artistas em seus respectivos municípios para conhecer sua obra, sua profissão, seu processo criativo. O portfólio poderia conter fotos, entrevistas, materiais de imprensa local, catálogos de exposição, folders de espetáculos, entre outros. O intuito da criação do portfólio era ampliar o olhar do estudante sobre a produção artística de sua região e promover o diálogo entre as professoras e o artista local. Como o trabalho

era individual, não permitíamos a repetição de artistas. Isso fez com que em municípios muito pequenos, as professoras tiveram de, literalmente, descobrir artistas. Assim, nos deparamos com portfólios sobre produtores de vitrais, escultores de bronze especializados em obras sacras, músicos da noite, entre outros.

Ao final de semestre, na segunda aula magna ministrada pela docente da universidade, todas as participantes tinham de responder a um questionário sobre as atividades realizadas no período, com questões abertas e fechadas, dentre as quais uma específica em que tinham de indicar (por meio de múltipla escolha) a linguagem que assistira e, logo abaixo, descrever detalhadamente a apresentação, com dados quanto ao título do espetáculo, local da apresentação, artistas envolvidos, entre outras informações, além de tecer comentários pautados nas leituras realizadas em sala de aula.

O intuito deste questionário era, primeiramente, identificar qual linguagem artística o professorado teve maior ou mais fácil acesso; em segundo lugar, buscar averiguar se houve alguma modificação em suas escolhas ao longo da disciplina, após as leituras efetivadas, os filmes assistidos e as atividades práticas vivenciadas.

Dos dados aos fatos

Analisamos parte do material colhido nestes 6 anos (aproximadamente 4800 provas vestibulares, 1600 questionários, 20 horas de entrevistas), tendo em vista que ainda não concluímos todas as etapas da pesquisa. O presente texto apresenta a discussão que foi fomentada a partir dos resultados encontrados em uma turma, correspondente a 378 indivíduos. Mesmo em se tratando de resultados parciais, a análise das respostas deste agrupamento nos fez crer na necessidade de promover, cada vez mais, espaços de arte e de cultura na formação básica e continuada de professores.

Dos questionários analisados, 57% das professoras afirmaram ter ido pelo menos uma atividade cultural, 8% deixaram em branco e 35% afirmaram não ter ido a nenhuma atividade. Isso apontou, a priori que, mesmo sendo uma atividade obrigatória de avaliação parcial da disciplina,

pouco mais de um terço da sala não cumpriu a tarefa, o que consideramos um índice alto.

Imaginávamos que juntas, arte (como forma de conhecimento da humanidade capaz de seduzir o olhar) e avaliação (como forma de controle), poderiam ter um resultado mais concreto e abrangente. Porém, não foi o caso. Nem pela sedução da arte, nem pela imposição da avaliação: 35% professoras não se colocaram em movimento para cumprir a solicitação.

Dados numéricos podem ser interpretados de várias formas, por diferentes pontos de vista. Um primeiro olhar indicaria que mais da metade dos estudantes do Proesf assistiu a pelo menos uma apresentação ao vivo de espetáculo artístico no período de quatro meses. No entanto, ao realizar o cruzamento dos dados com as respostas abertas, verificamos que 7% das professoras realizaram a tarefa dentro do próprio programa, isto é, assinalaram a resposta positiva, indicaram a alternativa “teatro”, porém ao descreverem o “suposto” espetáculo, tratava-se justamente da primeira aula magna proferida pela docente da universidade com sua personagem clownesca. Outro dado que saltou aos olhos foi identificar que 9% das professoras indicaram atividades artísticas realizadas dentro das escolas em que trabalhavam e ainda outras 26%, as atividades descritas eram referentes a peças de teatro infantil. No primeiro caso, o teatro foi à escola, no segundo, a escola foi ao teatro. O que mais chamou a atenção em relação a esta constatação foi observar que as professoras consideraram ter realizado a tarefa ao assistir aos espetáculos infantis na condição de professoras acompanhantes das crianças, ou seja, como parte de sua função, não como uma atividade pessoal. Essa informação relativiza os números, isto é, 57% das professoras que afirmaram ter ido a alguma atividade cultural, 35% participaram no exercício de sua função como professora dentro ou fora da escola e 7% na condição de estudante do curso Proesf, ou seja 42% das professoras não cumpriram o que havia sido solicitado. No final da análise verificamos que apenas 15% das professoras realizaram alguma atividade cultural em seu cotidiano.

A linguagem mais acessível, como mostrado acima, foi o teatro infantil, porque o teatro foi à escola, seguido de show musical, sobretudo os apresentados em festas municipais. Destacamos que é muito comum no interior do estado de São Paulo e, especificamente na RMC, as festas do chamado “Circuito das Frutas”, como a Festa do Figo e da Goiaba de

Valinhos, Festa da Uva de Vinhedo, Festa do Milho de Tanquinho (próximo à Piracicaba), todas com apresentações de grupos musicais.

Os principais argumentos levantados por aqueles que não fizeram a atividade extra-classe, foram: “necessidade de cuidar da mãe, do pai e/ou da sogra” (27%), “falta de tempo e/ou de dinheiro” (21%), “não ter com quem deixar os filhos”(14%), entre outras justificativas. Vemo-nos diante de uma problemática que toca a questão de gênero. Como apontado acima, as estudantes do curso, todas professoras da rede pública estadual ou municipal de ensino são, em sua grande maioria, mulheres. Mulheres que, além do magistério ao longo do dia assumem, no contra período, o papel de cuidadoras de pais/sogros idosos ou de algum parente doente, necessitado ou incapacitado. Mulheres que são, por vezes, as únicas responsáveis pela casa e pelos filhos. Não vamos entrar nessa discussão de ordem sociológica, porém não podemos nos furtar de destacar essa realidade que influencia o quadro da educação no estado.

Ficamos, no entanto, em dúvida quanto à justificativa financeira, tendo em vista que várias das atividades citadas eram a preços populares quando não gratuitas. Havia, inclusive uma professora que, voluntariamente, listava e divulgava todo mês as apresentações teatrais ou musicais, exposições de arte e shows, com entrada franca. O que vemos, então, é que como a arte não fazia parte do cotidiano destas professoras, não tinha se configurado como um hábito, logo, o déficit estava mais relacionado a essa falta de hábito que à falta de acesso aos bens culturais, propriamente dito.

Passamos à análise dos dados qualitativos que nos chamaram a atenção. A título de ilustração, destacamos aqui algumas situações extremas que merecem nossa reflexão crítica. Em um dos casos, a resposta dada por uma professora nos surpreendeu muito ao averiguarmos o conceito de arte apresentado por ela, mesmo depois de vivenciar diferentes experiências estéticas proporcionadas pelo curso. Ela apontou uma ida ao evento “Noites de Terror” promovido pelo parque de diversões Hopi Hari (localizado no Km 72 da rodovia dos Bandeirantes no município de Louveira/SP) como uma apresentação artística tendo em vista as performances de atores fantasiados como monstros. Por mais legítimo que possa ter sido para a professora o susto que levou ao se deparar com os personagens ou ainda o deslumbramento pela perfeição e qualidade de figurinos e maquiagem dos monstros, não se pode confundir entretenimento com arte, por mais que o primeiro

(entretenimento) possa ser um dos frutos do segundo (arte). Qual o conceito de arte que essa professora pode estar passando para os seus alunos? O que ela considera ser uma vivência estética ou uma atividade cultural?

De outro lado, destacamos uma pérola tirada do depoimento de uma professora que afirmou ter pedido como presente de aniversário para seus 40 anos, um ingresso para uma peça teatral em São Paulo. Ela relatou que seu marido a questionou pela escolha, acreditando que fosse pedir uma jóia. Ao que ela respondeu: “Jóia, a gente vende. Queria uma coisa que ficasse comigo para sempre!” Com suas palavras, a professora indica o reconhecimento do valor simbólico do produto cultural da arte.

Sabemos quanto os problemas da educação passam pela formação dos professores. Mas vimos também, por meio desta pesquisa, que a transformação do olhar é possível. É por esses e outros relatos que continuamos a defender o ensino de arte e a experiência estética dentro dos cursos de formação de professores, nas licenciaturas específicas e nos cursos de pedagogia regulares ou especiais para que se promovam mudanças. Acreditamos no poder da arte, da educação, da ética e da estética, ou como afirma Freire (1996) da “justeza e boniteza” como agentes provocadores destas mudanças e como importante caminho a favor da formação do indivíduo e da transformação do mundo em que vivemos.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação: leituras no subsolo*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- BURNIER, L. O. *A arte de Ator: da prática à encenação*. 1. ed.. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- DUARTE, Jr. J.F. *A educação do sensível. O sentido dos sentidos*. 2. ed. Curitiba: Criar Edições, 2004.
- FERREIRA, S.(org.). *O ensino das artes: Construindo caminhos*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2011.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- PENA, Maura. *Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura* 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPA, 1995.

Sites consultados

<http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/proesf.html>

www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/pedagogia-processo.html

Recebido em 30 mar. 2012 / Aprovado em 14 maio 2012

Para referenciar este texto

HERNANDEZ, M. M. S. O encontro com a arte: formando e transformando o repertório de professores. *EccoS*, São Paulo, n. 28, p. 81-92. maio/ago. 2012.